U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA

Espiritualidade e Trabalho Sexual: Um Estudo Sobre Fé, Identidade e Prática Profissional

Marta de Sousa Pedrosa

M

2025

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ESPIRITUALIDADE E TRABALHO SEXUAL: UM ESTUDO SOBRE FÉ, IDENTIDADE E PRÁTICA PROFISSIONAL

Marta de Sousa Pedrosa

Outubro, 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área da Justiça e da Desviância, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Alexandra Oliveira*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A realização desta dissertação representou um caminho desafiante e transformador, percorrido ao lado de pessoas que acreditaram em mim e a quem deixo o meu sincero agradecimento.

À Professora Doutora Alexandra Oliveira, obrigada pela sua disponibilidade e orientação ao longo deste processo.

À equipa do projeto Porto G, agradeço pelo apoio na concretização desta investigação.

Às pessoas que aceitaram participar neste estudo, deixo uma palavra especial de reconhecimento. Sem a vossa confiança e partilha, esta dissertação não teria sido possível. Obrigada por me terem permitido escutar as vossas histórias e aprender com elas. Espero, sinceramente, ter conseguido respeitar e honrar essa entrega.

Aos meus pais, o meu agradecimento mais sentido. Por serem o meu alicerce em todos os momentos, pelo amor incondicional, pela presença constante, pela paciência nos dias difíceis e pela força com que sempre me incentivaram a seguir em frente. Obrigada por verem o meu valor, mesmo quando eu própria o esquecia.

Aos meus avós, pelo vosso carinho, que é abrigo e conforto em todos os momentos.

À Jú, pela amizade genuína e leve que tantas vezes foi refúgio. Obrigada pelas gargalhadas sinceras, pelas conversas intermináveis de madrugada no carro, por me relembrares quem eu sou e, sobretudo, por me fazeres confiar mais em mim. Tornaste-te a amiga que eu precisava sem sequer o saber.

À Carol, pelo companheirismo ao longo destes anos. Obrigada pelas conversas reconfortantes, pela paciência nos trabalhos de grupo, pelos almoços no corredor. Foste companhia nos momentos mais críticos. Agradeço-te do fundo do coração por estares comigo desde o primeiro dia.

À Maria, por seres o meu abraço-casa e o porto seguro ao qual regresso sempre que me perco. Em ti, reencontro-me e sei que não me deixas desmoronar. Obrigada pela forma como me fazes pensar, rir e crescer. Este percurso foi mais bonito por ter sido partilhado contigo. Levo-te comigo em tudo o que sou e ainda quero ser.

Por fim, à pessoa que fui e à que me tornei. Hoje olho com carinho e orgulho para a Marta que iniciou este caminho cheia de incertezas, medos e sonhos ainda por desvendar. Obrigada por nunca desistires. Foram cinco anos de empenho, dedicação e resiliência. Que nunca percas a coragem de te reinventar e a ternura para contigo mesma.

Resumo

A literatura científica evidencia uma compreensão limitada sobre como a religião e a espiritualidade moldam as vivências dos/as trabalhadores/as do sexo. Esta investigação visa colmatar essa lacuna, analisando a forma como estes/as profissionais articulam as suas identidades religiosas ou espirituais e ocupacionais, frequentemente percecionadas como incompatíveis.

Definiram-se três objetivos: (i) compreender se, e como, estas identidades geram conflitos internos; (ii) identificar as estratégias mobilizadas para integrar ou gerir estas dimensões identitárias; e (iii) explorar o papel da espiritualidade no enriquecimento do trabalho sexual. Para tal, adotou-se uma metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas a 10 trabalhadores/as do sexo religiosos/as ou espirituais em Portugal.

A análise de conteúdo temática revelou quatro temas: "Conflito Psicológico e Negociação Identitária", "Estratégias de Gestão Identitária e Técnicas de Neutralização", "O Papel da Espiritualidade no Enriquecimento da Experiência Profissional" e "Perceções e Experiências de Estigma". Os resultados demonstram que a religião, a espiritualidade e o trabalho sexual podem coexistir. Salienta-se que os/as participantes exercem a sua capacidade de agência, negociando diferentes aspetos das suas identidades de modo a alcançar harmonia. Os resultados também confirmam os efeitos da estigmatização a que estes/as profissionais estão sujeitos/as, com a maioria deles/as a reportar impactos negativos no seu bem-estar.

As conclusões sublinham a resiliência das pessoas trabalhadoras do sexo e a sua capacidade de mobilizar a espiritualidade como recurso protetor e estrutura de significado no contexto laboral.

Este estudo contribui para o conhecimento académico sobre identidade, religião e trabalho sexual, podendo informar intervenções futuras na área do bem-estar e educação pública.

Palavras-chave: Trabalho sexual, religião, espiritualidade, identidade, estigma social.

Abstract

Scientific literature demonstrates a limited understanding of how religion and spirituality shape the lived experiences of sex workers. This research aims to address this gap by analyzing how these professionals articulate their religious or spiritual and occupational identities, which are often perceived as incompatible.

Three objectives were defined: (i) to understand whether and how these identities generate internal conflicts; (ii) to identify the strategies used to integrate or manage these identity dimensions; and (iii) to explore the role of spirituality in enriching sex work. A qualitative methodology was adopted, using semi-structured interviews with 10 religious or spiritual sex workers in Portugal.

Thematic content analysis revealed four key themes: "Psychological Conflict and Identity Negotiation," "Identity Management Strategies and Neutralization Techniques," "The Role of Spirituality in Enriching the Professional Experience," and "Perceptions and Experiences of Stigma." The results demonstrate that religion, spirituality, and sex work can coexist. The findings highlight that participants exercise agency by negotiating different aspects of their identities to achieve harmony. The results also confirm the effects of the stigmatization these professionals face, with the majority of participants reporting negative impacts on their well-being.

The conclusions underscore the resilience of sex workers and their capacity to mobilize spirituality as a protective resource and a framework for meaning in the workplace.

This study contributes to academic knowledge on identity, religion, and sex work, and may inform future interventions in the areas of well-being and public education.

Keywords: Sex work, religion, spirituality, identity, social stigma.

Índice

Introdução 1

I. Religião e Espiritualidade 1

II. Trabalho Sexual 1

III. Gestão Identitária 2

IV. Impacto do Estigma 2

V. Religião e Sexualidade 3

VI. Perspetivas Religiosas sobre o Trabalho Sexual 4

VII. O Papel da Espiritualidade no Trabalho Sexual 5

Estudo Empírico 7

I. Objeto e Objetivos de Investigação 7

II. Método 7

III. Participantes 7

IV. Instrumento e Procedimento de Recolha de Dados 8

V. Procedimento de Análise de Dados 10

Apresentação e Discussão dos Resultados 11

I. Conflito Psicológico e Negociação Identitária 11

i. Manifestações do Conflito Psicológico 11

ii. Compartimentalização Identitária 12

iii. Métodos de Promoção da Harmonia Identitária 13

iv. Integração Identitária 14

II. Estratégias de Gestão Identitária e Técnicas de Neutralização 14

i. Rituais de Autoproteção e Transição de Papéis 15

ii. Evitamento Cognitivo 16

iii. Ocultação da Identidade Profissional 16

iv. Estratégias de Distanciamento e Pertença Religiosa 17

v. Reinterpretação da Figura Divina como Acolhedora e Protetora 18

vi. Reinterpretação Teológica 19
vii. Ressignificação do Trabalho Sexual como Cuidado Emocional 20
viii. Persistência do Conflito e do Sofrimento 20
III. O Papel da Espiritualidade no Enriquecimento da Experiência Profissional 20
i. A Espiritualidade como Estratégia de *Coping* Ocupacional e Recurso Protetor 20
ii. A Espiritualidade como Estrutura de Significado e Propósito no Trabalho 21
iii. Integração de Práticas Espirituais nas Práticas Profissionais 22
IV. Perceções e Experiências de Estigma 23
i. Mecanismos de Estigmatização Social 23
ii. Estigma Religioso Institucional 24
iii. Internalização do Estigma 24
Conclusões 26
Limitações, Potencialidades e Recomendações 28
Referências Bibliográficas 30
Anexos 34
Anexo 1 – Ficha de Informação para Participantes e Formulário de Consentimento 34
Anexo 2 – Guião de Entrevista 37

Introdução

Embora a literatura sobre trabalho sexual se tenha diversificado nas últimas décadas, ultrapassando o enfoque na saúde, a dimensão da espiritualidade continua amplamente negligenciada (Johnston, 2022), prevalecendo uma compreensão limitada acerca de como a religião e a espiritualidade moldam as experiências, valores e rotinas quotidianas das pessoas trabalhadoras do sexo (Matthews, 2024).

A presente investigação explora a religiosidade e a espiritualidade de pessoas que exercem trabalho sexual em Portugal – um país que, à semelhança de outros contextos marcados por tradições conservadoras e de forte influência cristã, tende a condenar esta atividade com base em juízos morais. O estudo foca-se em profissionais do sexo que reivindicam, em simultâneo, estas duas identidades frequentemente percecionadas como incompatíveis.

I. Religião e Espiritualidade

A religiosidade e a espiritualidade constituem alicerces essenciais das convicções humanas acerca da existência, influenciando comportamentos ao longo da vida e em diversas culturas (Austin et al., 2018). Embora, por vezes, utilizados como sinónimos, representam conceitos distintos (Tuin, 2021).

Para Haggerty (2017), a religião consiste num sistema institucionalizado de valores, crenças, símbolos e rituais, partilhado por uma comunidade e transmitido entre gerações. A religiosidade refere-se, então, à adesão a essas doutrinas, centradas num coletivo organizado (Haggerty, 2017).

Dinnie e Browne (2011) descrevem a espiritualidade como um domínio intrínseco à experiência humana, relacionado com a procura de significado, propósito, bem-estar, moralidade e profundidade nas relações connosco próprios, com os outros, com a natureza e com o sagrado. Pode incluir práticas como o yoga e a meditação, que visam redescobrir o verdadeiro "eu" (Dinnie & Browne, 2011).

Em síntese, enquanto a religiosidade implica um compromisso com regras e uma comunidade, a espiritualidade expressa-se como uma relação mais direta e subjetiva com o divino (Baumsteiger & Chenneville, 2015). A religiosidade é, assim, uma manifestação da espiritualidade, que assume formas mais diversas (Tuin, 2021). Atualmente, observa-se um declínio da religiosidade institucionalizada acompanhado por uma crescente identificação com a espiritualidade (Johnston, 2022).

II. Trabalho Sexual

A expressão "trabalho sexual" foi introduzida na década de 1970 por Carol Leigh, uma ativista e trabalhadora do sexo norte americana, pioneira do movimento pela profissionalização do sexo comercial, com o intuito de combater o estigma associado a esta atividade e garantir direitos laborais para quem a exerce (Yacoub, 2019).

Oliveira (2004) define o trabalho sexual como uma transação comercial de serviços sexuais, efetuada entre adultos e de forma consensual. Portanto, uma pessoa trabalhadora do sexo é alguém que desempenha práticas de natureza sexual e/ou erótica, mediante remuneração ou outra compensação material (Oliveira, 2004). Salienta-se que, embora esta seja a terminologia adotada neste estudo, por vezes, os/as profissionais desta área preferem outras designações.

III. Gestão Identitária

Segundo Goffman (1959), a identidade constitui um processo dinâmico de negociação de significados culturais, valores e práticas, permitindo o posicionamento em diferentes categorias sociais.

A presente investigação adota o conceito de harmonia identitária, proposto por Matthews (2024), que se traduz num estado de consonância, no qual diferentes identidades são percebidas como compatíveis. Caracteriza-se pela ausência ou minimização de conflito interno e favorece uma perceção positiva do *self*, através de uma integração bem sucedida das várias dimensões identitárias (Matthews, 2024).

No trabalho sexual, estes/as profissionais adotam estratégias conscientes para reduzir o conflito entre a fé e a atividade profissional. Diariamente, gerem a sua autoapresentação perante diferentes públicos – como família, comunidade religiosa ou clientes –, adaptando a identidade a cada contexto (Ruwizhi et al., 2025). Esta dinâmica aproxima-se da teoria de Goffman (1959), que descreve a vida social como uma performance de papéis contextuais. Os/as trabalhadores/as do sexo constroem uma "identidade fabricada", que permite manter a coerência interna, confinando determinados sentimentos e práticas ao espaço laboral. O autor defende que esta separação contribui para a mitigação do conflito entre as esferas pessoal e ocupacional, protegendo a sua saúde mental (Goffman, 1959).

IV. Impacto do Estigma

Goffman (1990) define estigma como um atributo depreciativo que a sociedade usa para desvalorizar uma pessoa ou grupo. O autor relaciona este conceito com a identidade social, que

evidencia semelhanças entre indivíduos, mas que também expõe diferenças que podem ser alvo de estigmatização (Goffman, 1990).

A estigmatização ocorre quando alguém não corresponde às expectativas sociais de "normalidade", sendo rotulado como inferior ou desviante, o que legitima a sua desumanização e reforça a divisão entre "nós" (os normais) e "eles" (os outros) (Armstrong, 2018). As manifestações do estigma podem ser externas, através da discriminação exercida por terceiros, ou internalizadas, traduzindo-se em sentimentos de vergonha, isolamento e medo de julgamento (Bellhouse et al., 2015).

No contexto do trabalho sexual, Abel (2011) destaca as consequências graves do estigma, associando-o a um maior risco de violência e exploração, bem como a restrições no acesso a serviços essenciais de saúde e justiça, o que constitui uma violação contínua de direitos humanos. Este impacto é agravado por outras identidades estigmatizadas, como a condição de migrante ou a pertença a uma minoria étnica. Um exemplo claro consiste na representação de trabalhadores/as do sexo migrantes como vítimas desprovidas de agência (Armstrong, 2018), o que ilustra a necessidade de uma análise interseccional para compreender plenamente a sua experiência (Matthews, 2024).

Conforme teorizado por Goffman (1959), uma estratégia central de gestão do estigma consiste na ocultação de certos aspetos da identidade que são socialmente estigmatizados. Este método revela uma capacidade de adaptação às diferentes pressões sociais e de resistência perante o potencial opressivo do estigma (Basu & Dutta, 2011).

V. Religião e Sexualidade

De acordo com Winter e Olivia (2024), as instituições religiosas exerceram historicamente um forte controlo sobre o comportamento sexual. Na teologia cristã, práticas como a luxúria, a masturbação, a pornografia, o adultério e a prostituição são classificadas como pecado (Beekers & Schrijvers, 2020). Esta visão, que privilegia a sexualidade dentro do matrimónio e com fins reprodutivos, foi instrumentalizada através de regras como a proibição de contracetivos e a promoção da abstinência até ao casamento (Winter & Olivia, 2024).

Estudos recentes sublinham como as dinâmicas de género patriarcais presentes no discurso cristão impõem um padrão moral mais rigoroso às mulheres comparativamente aos homens (Ruwizhi et al., 2025). Esta perspetiva materializa-se na construção dualista da sexualidade feminina, ilustrada pelos arquétipos de Maria e Eva (Barton & Hardesty, 2010). Os autores descrevem que Maria é estimada pela sua virtude, pureza e maternidade, reforçando ideais de submissão feminina. A sua virgindade é considerada sagrada, o que perpetua a noção

de que a sexualidade, especialmente a promíscua, é suja, má e distante da espiritualidade. Por sua vez, Eva personifica a tentação e o pecado original, representando a natureza perigosa e desobediente da sexualidade da mulher (Barton & Hardesty, 2010).

A internalização destas normas influencia o processo de construção identitária (Beekers & Schrijvers, 2020), podendo gerar um conflito interno quando a conduta pessoal diverge dos padrões aprendidos através da religião (Worthington, 2004). Isto explica a associação, documentada na literatura, entre uma elevada religiosidade e sentimentos de culpa sexual, expressos na autoimposição de punições por violar ou antecipar a violação dessas regras (Adamczyk & Hayes, 2012).

VI. Perspetivas Religiosas sobre o Trabalho Sexual

A religião consiste num fator preponderante na compreensão do estigma associado ao trabalho sexual (Beekers & Schrijvers, 2020). Nas tradições abraâmicas, esta atividade é considerada imoral por transgredir as normas do casamento heterossexual monogâmico, sendo percecionada como uma ameaça à instituição familiar (Koken, 2011).

Em sociedades ocidentais de matriz cristã, o trabalho sexual é frequentemente entendido como uma forma de exploração e degradação do corpo humano, considerado um templo sagrado (Peach, 2005). Historicamente, as instituições religiosas têm constituído contextos de crítica e julgamento moral para as pessoas trabalhadoras do sexo. A sua presença nestes espaços leva a que os membros da comunidade questionem a legitimidade da sua pertença, uma vez que se interrogam sobre como é possível ser-se profissional do sexo e, simultaneamente, rezar a Deus (Ruwizhi et al., 2025). A tolerância tende a ser menor entre indivíduos com convicções religiosas mais fortes, fomentando a discriminação e dificultando o acesso a direitos básicos (Cao & Maguire, 2013).

Porém, a doutrina cristã também oferece uma perspetiva de redenção. A condição de "pecador" não anula a dignidade inerente a cada pessoa, criada à imagem de Deus e, como tal, merecedora de amor (Ruwizhi et al., 2025). O exemplo de Santa Maria Madalena, acolhida por Jesus apesar da sua associação à prostituição, ilustra esta conceção, que sugere a necessidade de tratar os/as trabalhadores/as do sexo com respeito e compaixão (Yacoub, 2019).

Importa ainda notar que algumas comunidades religiosas adotam uma visão mais inclusiva, promovendo empatia, compreensão e apoio. Assim, estes grupos tornam-se espaços de pertença, validação e conforto emocional para quem faz trabalho sexual (Winter & Olivia, 2024).

VII. O Papel da Espiritualidade no Trabalho Sexual

Considerando que a espiritualidade e a religiosidade constituem dimensões centrais da experiência humana (Winter & Olivia, 2024), torna-se relevante compreender o seu papel na gestão identitária das pessoas que fazem trabalho sexual.

Segundo Haggerty (2017), estes/as profissionais concebem Deus como uma presença segura, capaz de lhes transmitir conforto e estabilidade emocional. Assim, a divindade é reinterpretada como uma figura de aceitação incondicional, que oferece proteção e apoio, em contraste com a imagem tradicional de um Deus punitivo que condena o trabalho sexual. Para o autor, esta reconfiguração da figura divina constitui uma estratégia adaptativa particularmente impactante, através da qual as pessoas que exercem trabalho sexual conseguem preservar uma relação de proximidade com a espiritualidade (Haggerty, 2017).

À semelhança da maioria das pessoas, os/as trabalhadores/as do sexo também procuram na religião uma fonte de redenção para os desafios que enfrentam. Perante a perceção de transgressão moral associada à sua atividade, tendem a experienciar uma ansiedade persistente, depositando a sua esperança no perdão divino (Rijal & El-Rumi, 2019). Para mitigar este sentimento de culpa, é comum adotarem práticas compensatórias, como a caridade ou a beneficência, entendidas como formas de expiação (Sorajjakool & Benitez, 2015). Os autores descrevem a religiosidade destes/as profissionais como uma expressão de dependência e submissão a Deus, com o objetivo de alcançar a absolvição. Deste modo, a fé confere-lhes um sentido de paz face às exigências inerentes à sua profissão (Sorajjakool & Benitez, 2015).

Winter e Olivia (2024) oferecem uma perspetiva distinta, defendendo que as identidades ocupacionais das pessoas trabalhadoras do sexo e as suas vivências religiosas não são necessariamente incompatíveis. No entanto, os investigadores também referem que a conciliação destas dimensões exige um processo de negociação e adaptação entre diferentes aspetos de ambas (Winter & Olivia, 2024).

Os resultados de um estudo realizado por Johnston (2022) indicam que os/as trabalhadores/as do sexo que mantêm crenças religiosas negoceiam a sua relação com o divino e reinterpretam a sua fé. Segundo o autor, as pessoas participantes adotaram três estratégias distintas: (i) algumas procuraram conciliar as suas crenças espirituais com a prática profissional, individualizando os seus sistemas de fé; (ii) outras permaneceram inseridas numa religião organizada, mas compartimentaram as suas crenças de forma a evitar conflitos; e (iii) outras ainda decidiram abandonar por completo o sistema de crenças original. Contudo, os efeitos do estigma — como a perda de redes de apoio e a limitação no acesso a recursos — levaram a

maioria a recorrer à religião como fonte de conforto e suporte emocional. Assim, em vez de rejeitarem totalmente as suas convicções, optam por renegociá-las, aproximando-se de uma espiritualidade individualizada, que oferece maior autonomia e adaptabilidade, contornando a mediação e o julgamento percebido das instituições religiosas formais. (Johnston, 2022).

Um estudo subsequente, realizado no Reino Unido por Matthews (2024), confirma os resultados anteriormente descritos, ao mostrar como as pessoas trabalhadoras do sexo adaptam a sua religiosidade de forma a alcançar harmonia entre diferentes dimensões da sua identidade. De acordo com os discursos recolhidos, a espiritualidade enriquece a atividade profissional, proporcionando sensações de serenidade e segurança, bem como novas oportunidades económicas (Matthews, 2024).

Matthews (2024) destaca a espiritualidade como um recurso fundamental para lidar com as adversidades. Uma participante relatou que, em momentos desconfortáveis ou de maior pressão no exercício da sua ocupação, recorre à oração como forma de aliviar a ansiedade. Neste caso, a oração transmite-lhe tranquilidade, ajudando-a a gerir o medo e a disfarçar as preocupações perante os/as clientes. Outra participante, cuja prática espiritual inclui meditação, partilhou que esta rotina lhe proporciona calma e resiliência, permitindo reduzir a sobrecarga experienciada e restaurar um sentido de equilíbrio interno (Matthews, 2024).

Adicionalmente, a identidade espiritual dos/as trabalhadores/as do sexo foi apontada como fonte de rendimento (Matthews, 2024). A autora observa que o recurso à espiritualidade com o intuito de obter maior receita pode assumir diferentes formas. Uma das participantes relatou que integra práticas de yoga nas suas sessões, o que aumenta a procura pelos seus serviços, ao enriquecer a ligação com os/as clientes. Outra participante comentou que usa hijab no contexto laboral, de forma a explorar oportunidades económicas associadas à sua etnia, religião e cultura (Matthews, 2024).

Uma das principais conclusões do estudo de Matthews (2024) é que os/as participantes tendem a adaptar a sua espiritualidade de forma a integrar a identidade ocupacional, em vez de ajustarem a prática profissional para que esta se alinhe com a sua fé. Esta observação demonstra não só uma maior estabilidade na identidade enquanto trabalhador/a do sexo, como também evidencia que os potenciais conflitos entre estas dimensões identitárias se relacionam mais com os compromissos religiosos ou espirituais do que com a natureza da profissão em si (Matthews, 2024).

Estudo Empírico

I. Objeto e Objetivos de Investigação

Definiu-se como objeto de estudo da presente investigação a articulação entre a identidade religiosa ou espiritual e a identidade ocupacional em pessoas que exercem ou exerceram trabalho sexual. O objetivo deste projeto consiste em conhecer e descrever de que forma pessoas trabalhadoras do sexo baseadas em Portugal percecionam e articulam estas suas identidades.

Neste sentido, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: (i) compreender se, e de que forma, as identidades religiosas ou espirituais e ocupacionais das pessoas trabalhadoras do sexo geram conflitos internos; (ii) identificar as estratégias mobilizadas para integrar ou gerir estas dimensões identitárias; e (iii) explorar o papel das identidades religiosas ou espirituais no enriquecimento da atividade profissional das pessoas que fazem trabalho sexual.

II. Método

A presente investigação assume um carácter descritivo e exploratório, pois incide sobre uma temática ainda pouco abordada na literatura científica. Optou-se pelo método qualitativo atendendo à sua capacidade de captar significados subjetivos e complexos, construídos pelas pessoas a partir das suas vivências e enquadramentos socioculturais (Braun & Clarke, 2013). Assim, o foco deste estudo não reside na procura de verdades objetivas ou generalizáveis, mas sim na compreensão interpretativa da realidade, através da multiplicidade de sentidos atribuídos pelos/as participantes às suas experiências e identidades.

Considerando que o trabalho sexual constitui um comportamento oculto, dado o seu cariz transgressivo perante a norma, o método qualitativo afigura-se particularmente relevante. De facto, trata-se de uma abordagem adequada ao estudo de populações marginalizadas, na medida em que possibilita a valorização das suas perspetivas, respeitando os seus próprios termos e formas de expressão (Braun & Clarke, 2013).

III. Participantes

De forma a dar resposta às finalidades desta investigação, os/as participantes foram selecionados com base em três critérios de inclusão (Patton, 2002): (i) terem idade igual ou superior a 18 anos; (ii) exercerem ou terem exercido trabalho sexual; e (iii) possuírem ou terem possuído crenças religiosas e/ou espirituais em algum momento durante o exercício dessa atividade.

O processo de recrutamento dos/as participantes foi realizado maioritariamente em articulação com o projeto "Porto G"[1], da APDES, onde a investigadora efetuou o seu estágio curricular. Foram ainda efetuadas tentativas de recrutamento de participantes através da divulgação do estudo junto de outras três associações, sem sucesso. Paralelamente, foram consultadas plataformas online de divulgação de anúncios de trabalho sexual, a partir das quais se enviaram mensagens escritas e se realizaram contactos telefónicos com potenciais participantes. Por fim, recorreu-se às redes sociais como meio de divulgação do estudo.

No total, foram realizados 48 contactos iniciais, que incluíram utentes do Porto G, bem como trabalhadores/as do sexo identificados/as através de anúncios publicados na internet. Destes contactos, 21 não responderam, 14 não demonstraram interesse em participar e 5, apesar de inicialmente se mostrarem recetivos à participação, cessaram posteriormente a comunicação com a investigadora acabando por não participar. Deste processo resultou a inclusão de oito participantes no estudo. A amostragem seguiu os métodos de conveniência e bola de neve (Patton, 2002), tendo sido solicitado aos/às participantes que indicassem outras pessoas potencialmente interessadas em colaborar no estudo. Adicionalmente, um contacto pessoal resultou na participação de mais duas pessoas. Assim, a amostra final foi composta por 10 participantes. A constituição da amostra foi dada como encerrada devido à escassez de tempo e à dificuldade sentida em conseguir chegar a mais pessoas dispostas a colaborar na investigação.

Este estudo contou com o contributo de 10 pessoas que se autodeclararam como brancas, nove das quais se identificaram como mulheres cisgénero e uma como homem cisgénero. As idades variaram entre os 19 e os 52 anos. Relativamente à nacionalidade, sete participantes eram de nacionalidade brasileira e três de nacionalidade portuguesa. No que concerne ao grau de escolaridade, seis concluíram o ensino secundário, uma o ensino básico e três frequentaram o ensino superior. Quanto à orientação sexual, seis pessoas identificaram-se como heterossexuais, duas como homossexuais e duas como bissexuais.

IV. Instrumento e Procedimento de Recolha de Dados

Como instrumento de recolha de dados, elegeu-se a entrevista semiestruturada. Esta ferramenta revela-se particularmente adequada por permitir que as pessoas participantes reflitam sobre as suas experiências e as expressem com base nas suas interpretações pessoais e nos significados que constroem (Braun & Clarke, 2013). Assumindo a forma de uma conversa

[1] O Porto G consiste num projeto da APDES que intervém junto de pessoas que exercem trabalho sexual, promovendo a redução de riscos e a defesa dos seus direitos.

fluida, possibilita que os/as participantes comuniquem através das suas próprias palavras, sem estarem condicionados/as por um guião rígido ou categorias pré-definidas. Este formato confere ainda espaço para a introdução de tópicos relevantes para os/as participantes que não tenham sido antecipados pela investigadora (Braun & Clarke, 2013).

As dez entrevistas foram realizadas entre os meses de maio e julho de 2025, de acordo com a disponibilidade dos/as participantes. Nove destas entrevistas decorreram presencialmente, nos seus locais de trabalho, tendo-se privilegiado a familiaridade desses espaços. Embora o método presencial tenha sido priorizado, uma das entrevistas foi conduzida por videochamada, devido à distância geográfica da participante em relação à investigadora. As entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos, sendo que, com o consentimento prévio dos/as participantes, o seu conteúdo foi registado por gravação áudio, e posteriormente, transcrito para análise.

Antes do início de cada entrevista, foi lida a declaração de consentimento informado, que incluía esclarecimentos sobre os objetivos do estudo, as condições de participação, a duração estimada, o carácter voluntário da colaboração, a inexistência de riscos acrescidos, bem como a garantia de anonimato dos dados recolhidos. Foi também explicitado o direito de cessarem a participação na entrevista a qualquer momento ou de recusarem responder a qualquer questão. Neste momento, foi igualmente disponibilizado o contacto de correio eletrónico da investigadora, para eventuais esclarecimentos adicionais ou para manifestação de interesse na obtenção dos resultados do estudo. Tendo em consideração as especificidades éticas e contextuais da população-alvo, optou-se pela obtenção do consentimento informado de forma oral. Esta opção teve por base a necessidade de salvaguardar a privacidade e segurança das pessoas participantes, reconhecendo o estigma social associado ao trabalho sexual e evitando qualquer exposição que pudesse decorrer da assinatura de documentos contendo nomes reais ou identificáveis.

Após os esclarecimentos iniciais, procedeu-se à realização da entrevista. Para orientar este processo, foi elaborado um guião constituído por questões redigidas numa linguagem clara e acessível. A sua organização temática – "Religiosidade /Espiritualidade", "Trabalho Sexual", "Relação entre Religiosidade/Espiritualidade e Trabalho Sexual", "Conflito/Harmonia entre Religiosidade/Espiritualidade e Trabalho Sexual" e, "Papel da Religiosidade/Espiritualidade no Enriquecimento do Trabalho Sexual" – reflete os objetivos específicos da investigação. A ordem e a formulação das perguntas foram ajustadas sempre que necessário, de modo a não comprometer a fluidez do discurso dos/as participantes. Foram também recolhidos dados sociodemográficos, nomeadamente idade, nacionalidade, nível de escolaridade, grupo étnico,

identidade de género e orientação sexual. No encerramento de cada entrevista, foi facultada aos/às participantes a oportunidade de partilharem comentários e reflexões que considerassem pertinentes. A investigadora agradeceu o contributo prestado e reiterou a sua disponibilidade para eventuais contactos posteriores.

Devido a constrangimentos temporais e à dificuldade de acesso à população-alvo, não foi possível testar o instrumento previamente à recolha de dados. Contudo, após a primeira entrevista, solicitou-se à participante que fornecesse feedback sobre as questões colocadas. Não tendo sido identificadas dúvidas ou sugestões de melhoria, o guião manteve-se inalterado para as entrevistas subsequentes.

V. Procedimento de Análise de Dados

Para analisar os dados, optou-se pela análise temática tal como proposta por Braun e Clarke (2013). Esta abordagem permite uma interpretação detalhada do conteúdo das entrevistas, através da identificação de temas, que consistem em padrões de significado recorrentes no discurso dos/as participantes. Vale mencionar que a análise foi conduzida a nível semântico, na medida em que permite aceder às experiências subjetivas das pessoas participantes, respeitando a forma como estas atribuem sentido às suas vivências (Braun & Clarke, 2013).

Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a uma leitura exploratória e flutuante do corpus de dados, com o objetivo de promover uma primeira familiarização com o material recolhido. Com base nesta leitura inicial, foram identificadas ideias recorrentes que deram origem à elaboração de um conjunto preliminar de códigos. Estes códigos consistem em unidades de sentido atribuídas a excertos relevantes do discurso, que permitiram uma organização sistemática do conteúdo. Posteriormente, os códigos com significados semelhantes foram agrupados em potenciais temas e subtemas.

Esta fase foi seguida por uma revisão dos temas, assegurando a sua coerência e a sua relevância face aos objetivos da investigação. O processo culminou na delimitação dos temas e subtemas finais, que serviram de base à sistematização e interpretação dos resultados.

Apresentação e Discussão dos Resultados

A análise temática permitiu identificar quatro temas centrais – "Conflito Psicológico e Negociação Identitária", "Estratégias de Gestão Identitária e Técnicas de Neutralização", "O Papel da Espiritualidade no Enriquecimento da Experiência Profissional" e "Perceções e Experiências de Estigma" – que refletem os padrões de significado partilhados no discurso das pessoas participantes.

A secção subsequente inclui uma descrição analítica de cada tema, os subtemas que o constituem e os respetivos códigos que sustentam a sua identificação. A discussão dos resultados será articulada em diálogo com o enquadramento teórico previamente estabelecido, com o objetivo de contextualizar e interpretar as perceções e experiências narradas pelos/as participantes.

I. Conflito Psicológico e Negociação Identitária

O primeiro tema identificado incide sobre a forma como os/as trabalhadores/as do sexo experienciam e articulam a sua identidade religiosa ou espiritual com a identidade ocupacional. Assim, analisa-se em que medida estas dimensões identitárias podem gerar conflitos internos ou, em alternativa, coexistir em harmonia.

i. Manifestações do Conflito Psicológico

A análise dos dados permitiu classificar a experiência de conflito como um tema central, reportado por metade das pessoas participantes. Contudo, a sua natureza não é monolítica, manifestando-se em três dimensões distintas.

A primeira dimensão salienta um conflito de natureza identitária, caracterizado por duas participantes como uma batalha interna: "[...] O meu trabalho e a minha vida religiosa parecem que começam uma briga ali sabe tipo tu está errada, tu não está [...]." (Entrevista 3); "Isto é uma guerra, eu acabo por ser duas." (Entrevista 6). Esta perceção alinha-se com o conceito de Goffman (1959) de fragmentação do *self*, no qual as identidades (profissional, religiosa, pessoal) são experienciadas como incompatíveis, gerando um estado de tensão.

Uma segunda dimensão centra-se na tensão entre as necessidades materiais imediatas e o sistema de valores pessoais. O testemunho de várias participantes retrata o exercício do trabalho sexual como uma imposição da urgência financeira, em claro desacordo com a sua vontade e princípios. Esta contradição provoca um estado de dissonância cognitiva explicitado nas seguintes declarações: "Entra em conflito porque não é uma coisa que eu gosto de fazer,

faço porque preciso." (Entrevista 4); "Por mais que o teu interior te diga [...] que tu não és assim e que não fazes parte deste mundo, também há sempre a outra parte que te lembra que para agora tem de ser isso [...] porque precisas do dinheiro." (Entrevista 6).

Por fim, a terceira dimensão identificada tem por base a presença de um conflito moral. De acordo com duas participantes, o sofrimento emerge da perceção de transgressão de preceitos religiosos fundamentais, internalizando sentimentos de culpa e pecado: "Claro que tem conflito. Nos olhos de Deus, o que eu estou fazendo não é certo." (Entrevista 8); "Tenho conflito comigo mesma porque eu fico fazendo um trabalho que eu não gosto. Os meus clientes são casados e casamento é sagrado. [...] eu estou fazendo mal a muita gente, estou mexendo com a união sagrada de duas pessoas." (Entrevista 10).

ii. Compartimentalização Identitária

A compartimentalização identitária define-se pela separação rígida de domínios identitários considerados incompatíveis (Ruwizhi et al., 2025).

Algumas participantes apresentaram discursos que sublinham a existência de uma fronteira moral rígida entre a identidade religiosa ou espiritual e a ocupacional. Para si, o trabalho sexual é profano ou impuro, o que o torna incompatível com Deus e com a sua esfera espiritual, considerada sagrada. Este método manifesta-se de duas formas principais. Para uma das entrevistadas, a separação ocorre por um sentimento de indignidade diante de Deus: "Na hora, se eu ficar com medo ou estiver desconfortável, eu não consigo procurar Deus, [...] fico com vergonha." (Entrevista 3). A vergonha atua aqui como um mecanismo psicológico que reforça a barreira entre os domínios, impedindo a transposição de recursos de um para o outro. Outra participante justifica a separação como forma de preservar a pureza da espiritualidade e evitar a transgressão moral ("pecar mais"): "[...] acho que você deve tentar manter separado para não ficar pecando mais. Deus é puro, trazer ele para esse trabalho não é correto." (Entrevista 8).

A análise identificou uma segunda narrativa que se refere à gestão de dois papéis sociais distintos: "São separadas, são coisas totalmente diferentes. Eu no fundo gosto de fazer as duas coisas. Mas eu costumo dizer que vivo uma vida dupla." (Entrevista 7). Neste caso, a linguagem de "vida dupla" sugere uma gestão contextual de performances do *self*, onde a alternância entre identidades é feita de forma mais instrumental e menos carregada de culpa imediata (Goffman, 1959).

Em síntese, enquanto no primeiro padrão a compartimentalização opera como uma defesa contra um conflito internalizado, no segundo surge como uma forma de navegar entre

mundos sociais separados, com a pessoa a reportar conseguir obter prazer de cada um deles ("gosto de fazer as duas coisas").

Destaca-se de igual modo o testemunho de uma participante que ilustra uma perceção de rutura e oposição interna: “Eu era dividida em duas partes. Por um lado, tinha essa vida em que eu fazia esse trabalho [...]. Depois tinha outro lado que me dizia ‘Olha que tu não és isso, tu foste criada com regras, com outro pensar e outro estar. Com o falar de Deus, com o ir à missa, com o rezar.’” (Entrevista 6). Neste caso, a compartimentalização falha em conter o conflito, dando lugar a uma sensação de despersonalização: “Eu sentia-me uma personagem, não era aquela pessoa que sempre viveu pela religião e foi criada para ser boa e pura.” (Entrevista 6). A metáfora de ser "uma personagem" denota que o trabalho sexual é vivenciado como uma negação do *self* autêntico. Como tal, revela-se fundamental analisar se a compartimentalização, embora possa ser protetora a curto prazo, potencia a despersonalização.

iii. Métodos de Promoção da Harmonia Identitária

O padrão discursivo de metade dos/as participantes mostra uma diversidade de percursos na construção de um estado psicológico de harmonia. Este estado de consonância é alcançado através de um processo de negociação, no qual diferentes identidades coexistem pacificamente ou, nalguns casos, permitem uma "dissonância harmoniosa", em que algumas tensões são reconhecidas, mas não obstruem a coerência geral da identidade (Matthews, 2024).

Uma estratégia identificada consiste na gestão das fronteiras entre identidades, como ilustrado pelo excerto: “Se eu passar a congregar mesmo, a estar todos os dias, entraria em conflito. Como eu só sou uma visitante, [...] uma espetadora, [...] isso não me incomoda.” (Entrevista 1). Neste caso, a harmonia é alcançada através de um distanciamento deliberado de um domínio identitário, prevenindo assim a dissonância antes que esta se manifeste.

Em oposição a este método, duas pessoas inquiridas descrevem uma perceção de continuidade identitária que lhes permite alcançar um estado de harmonia sem esforço psicológico: “Acho que essas minhas atividades não põem em causa a minha religião. Eu no meu interior sou a mesma pessoa, os meus valores não mudam.” (Entrevista 7) “Não entra em conflito porque eu não estou a fazer mal a ninguém. [...] sou católica na mesma e faço as minhas rezas quando sinto que tenho de fazer.” (Entrevista 9). Estas declarações revelam uma narrativa de preservação dos valores centrais, que sustenta a consistência identitária, independentemente da atividade laboral exercida.

Uma terceira via emerge de um trabalho psicológico de transformação interna. Aqui a harmonia não é preventiva ou intrínseca, mas sim o resultado da superação de um conflito

previamente experienciado. Uma participante descreve este processo de forma elucidativa: “Eu tive que adaptar a minha mente para que uma coisa não influenciasse a outra. [...] passei a transformar a minha forma de ver as coisas. [...] Aí comecei a falar que eu estou usando um conflito que não existe, é como se eu quisesse criar uma guerra numa situação que não tem motivo para ter guerra.” (Entrevista 2). De forma semelhante, o relato de outra entrevistada ilustra um trabalho reflexivo focado na normalização da experiência ocupacional, visando reduzir o estigma internalizado: “Não julgo mais o meu trabalho, tento pensar que é um trabalho como qualquer outro. É difícil, mas não quero mais me julgar como julgava antes.” (Entrevista 5)

Este processo de harmonização identitária permite aos/às participantes minimizar o conflito interno, bem como criar um sentido de paz e aceitação nas suas vidas (Ruwizhi et al., 2025).

iv. Integração Identitária

De acordo com Ruwizhi et al. (2025), a integração identitária caracteriza-se como um processo de harmonização de identidades potencialmente conflituosas. Constatam-se dois padrões discursivos que sustentam este processo.

O primeiro padrão observado refere-se à mobilização de competências ou perspetivas espirituais para gerir as exigências emocionais inerentes ao trabalho, como afirmado por duas entrevistadas: “No meu trabalho [...] você tem que ter esse senso do espírito para você conseguir lidar.” (Entrevista 2); “Se eu pensar muito no meu trabalho eu fico louca porque é uma coisa difícil de lidar, mas quando eu foco na minha religião [...], eu consigo manter tudo equilibrado.” (Entrevista 4). Esta apropriação de recursos de um domínio identitário para beneficiar outro é um indicador robusto de integração e de funcionamento psicológico adaptativo.

Por sua vez, o segundo padrão tem por base uma perceção de continuidade identitária e inseparabilidade do *self*. Para várias participantes, a identidade espiritual não é um papel ativado contextualmente, mas um núcleo identitário permanente que permeia todas as esferas da vida, incluindo a ocupacional. Esta visão está explicitada nos seguintes testemunhos: “[...] A minha espiritualidade em qualquer momento está comigo, não dá para separar de mim só porque estou fazendo esse trabalho.” (Entrevista 3); “Não consigo deixar de ser a pessoa que sou. Não deixo de acreditar no Espiritismo quando estou fazendo meu trabalho [...].” (Entrevista 5); “Eu sou a mesma pessoa quando rezo e quando trabalho.” (Entrevista 9).

II. Estratégias de Gestão Identitária e Técnicas de Neutralização

O presente tema aborda as estratégias utilizadas pelos/as participantes na gestão das suas identidades religiosas ou espirituais e ocupacionais. Pretende-se compreender de que modo as pessoas participantes desenvolvem mecanismos de negociação e integração entre domínios identitários potencialmente conflituosos, evidenciando os recursos individuais e contextuais mobilizados nesse processo. Analisa-se também o recurso a técnicas de neutralização, entendidas como mecanismos psicológicos utilizados pelos indivíduos para justificar, racionalizar ou negar a transgressão de normas ou valores, minimizando a culpa e a responsabilidade social (Sykes & Matza, 1957).

i. Rituais de Autoproteção e Transição de Papéis

A primeira estratégia identificada materializa-se através de rituais de transição e de práticas de autoproteção psicológica e energética.

Os rituais de purificação, enquanto rituais de transição, podem ser compreendidos como uma forma de evitar contaminações simbólicas (e.g., stresse, frustrações), como reporta uma participante: "[...] eu faço uns banhos para descarregar energias porque fica com a energia cruzada." (Entrevista 2). Esta prática atua como um processo simbólico de limpeza, permitindo à pessoa restabelecer um sentido de controlo sobre o seu próprio corpo e traçar uma fronteira clara entre o eu profissional e o eu privado.

Paralelamente, emerge a estratégia de transição de papéis sociais. Os/as trabalhadores/as do sexo adaptam constantemente as suas identidades consoante a situação, gerindo a sua autoapresentação para vários públicos, como a família, as comunidades religiosas ou os clientes (Ruwizhi et al., 2025). Duas das pessoas participantes, incluindo o único homem entrevistado, descrevem esta necessidade de demarcar as suas diferentes identidades, criando uma rutura cognitiva e comportamental entre elas: "Faço uma distinção muito grande em como estou, me apresento e como me comporto no dia a dia da minha vida normal e nesses ambientes." (Entrevista 7). Esta transição é frequentemente mediada pelo tipo de roupa utilizada e pela preparação estética, que funcionam como um *script* comportamental para a mudança de papel. Uma participante detalha claramente este processo: "Faço a minha maquiagem, me arrumo e fico toda bonita. Aí eu já vou trabalhando a minha mente e já deixo esse lado da religião [...]." (Entrevista 2).

Adicionalmente, a meditação é reconhecida como uma técnica de regulação emocional e autocuidado. Como refere uma entrevistada: "Quando eu estou me sentindo pressionada por um lado ou pelo outro, eu tento meditar, colocar uma música calma [...]." (Entrevista 4). De acordo com uma investigação conduzida por Matthews (2024), com pessoas que fazem trabalho

sexual, a meditação proporciona sensações de calma e resiliência, permitindo reduzir a sobrecarga experienciada e restaurar um sentido de equilíbrio interno.

ii. Evitamento Cognitivo

A análise revelou que uma parte das participantes recorre ao evitamento cognitivo como mecanismo de regulação psicológica. Esta tendência manifesta-se na supressão ativa de pensamentos potencialmente perturbadores, funcionando como uma estratégia de autopreservação da autoestima. Tal é ilustrado em diferentes afirmações: “Eu tento não pensar muito, falar para mim mesma que não estou fazendo mal para ninguém.” (Entrevista 1), um raciocínio que exemplifica a negação do dano, uma das técnicas de neutralização de Sykes e Matza (1957), na qual a pessoa nega que o seu comportamento prejudique terceiros; “Eu relevo, eu saio daqui e a minha cabeça não fica pensando nisso.” (Entrevista 5); “Eu acho que tento nem pensar porque se eu pensar muito se calhar parece que estou a cometer um crime.” (Entrevista 7). Este último excerto é particularmente importante, pois ilustra como o evitamento é mobilizado para fugir do autojulgamento e da ameaça à imagem moral do *self*.

iii. Ocultação da Identidade Profissional

Uma das estratégias mais salientes no discurso dos/as participantes consiste na ocultação da identidade profissional. Goffman (1959) destaca que os/as profissionais do sexo adotam regularmente diferentes papéis em diferentes contextos, podendo inclusive ocultar certos elementos estigmatizados da sua identidade. Segundo o autor, este método revela-se eficaz na mitigação do conflito entre as esferas pessoal e ocupacional, assim como na preservação da saúde mental (Goffman, 1959).

O testemunho de uma entrevistada demonstra como a ocultação pode ser impulsionada pela internalização do estigma, em que a própria pessoa sente vergonha da sua profissão: "Eu tenho um pouco de vergonha para ser sincera. Tem muita menina que fala que é trabalho digno, mas não sinto isso. Só quem sabe é minhas irmãs e minha mãe, não conto para ninguém porque eu não me sinto bem." (Entrevista 3).

Noutros casos, a gestão da identidade estende-se ao seio familiar, onde a ocultação é enquadrada como um ato de preservação das relações e de respeito pelas expectativas familiares: “Quase ninguém sabe o que eu faço. [...] A minha família é muito conservadora e eu por respeito mantenho-os fora desse meu outro lado” (Entrevista 7).

A razão mais evocada prende-se com o receio de julgamento ou rejeição social. Esta antecipação de um juízo negativo leva os/as trabalhadores/as do sexo a adotarem uma postura

defensiva de forma sistemática: “Eu não tenho coragem de falar para todo o mundo abertamente porque eu sei que as pessoas não acham que é um trabalho normal” (Entrevista 5); “Ninguém sabe, eu sempre minto para não ter o julgamento” (Entrevista 8); “Eu também não vou chegar nos lugares falando o que eu faço. Eu não gosto de me expor e sei que as pessoas julgam muito a gente” (Entrevista 10).

iv. Estratégias de Distanciamento e Pertença Religiosa

As pessoas participantes evidenciam diferentes formas de gerir o relacionamento com as comunidades religiosas organizadas. A estratégia predominante consiste no distanciamento deliberado destas instituições, que são percebidas como contextos de julgamento moral e exclusão. A sua presença nestes espaços leva a que os membros da comunidade questionem a legitimidade da sua pertença, uma vez que se interrogam sobre como é possível ser-se profissional do sexo e, simultaneamente, rezar a Deus (Ruwizhi et al., 2025), ou seja, conciliar a fé com a prática laboral.

Perante esta antecipação de julgamento, a ocultação da atividade laboral emerge como uma estratégia de *coping*. Como um participante antecipa: “Se souberem acho que é inevitável seres julgado, há muitos fanáticos pela religião.” (Entrevista 7). Esta referência ao fundamentalismo religioso – enquanto promotor de discursos absolutistas sobre sexualidade e moralidade – ajuda a explicar por que razão a maioria dos/as participantes privilegia uma relação direta e pessoal com Deus (percebida como mais fácil e autêntica), em detrimento da mediação institucional (percecionada como hostil ou estigmatizante): “É mais fácil eu lidar diretamente com Deus, na minha forma de orar, [...] do que eu pegar e ir para uma igreja porque eles vão surtar com isso [...].” (Entrevista 4). Outra entrevistada adiciona: “Eu agora não sinto tanto conflito porque não vou na igreja mais” (Entrevista 8), sublinhando assim o impacto da desvinculação institucional na redução da dissonância entre a fé e a prática profissional.

Esta conclusão encontra suporte empírico no estudo de Johnston (2022), que demonstra que pessoas que exercem trabalho sexual e que simultaneamente mantêm crenças religiosas, tendem a negociar a sua relação com o divino e a reinterpretar a sua fé. Neste processo, observa-se regularmente uma transição para uma espiritualidade mais individualizada, que oferece maior autonomia e adaptabilidade, contornando a mediação e o julgamento percebido das instituições religiosas formais (Johnston, 2022).

Embora o distanciamento das comunidades religiosas tenha sido o padrão discursivo predominante, a análise mostra um padrão alternativo relevante para a compreensão do fenómeno. Esta narrativa única retrata a comunidade religiosa não como uma fonte de stresse,

mas como um recurso vital de conforto emocional e pertença social contrastando com o afastamento: “No centro espírita que eu vou toda a semana, tem pessoas que acreditam no mesmo que eu e é bom conversar e só estar na presença delas [...] me faz bem.” (Entrevista 5).

Assim, é possível identificar dois perfis de relação das pessoas trabalhadoras do sexo com a religião institucional: por um lado, profissionais que rejeitam comunidades religiosas devido à experiência (ou antecipação) de julgamento; por outro, aqueles/as que encontram refúgio em contextos espirituais organizados e se sentem acolhidos pela sua comunidade. Esta diferenciação sugere que o conflito não reside necessariamente na religião, mas antes no modelo de organização comunitária. Estruturas hierárquicas e punitivas reforçam sentimentos de exclusão e estigmatização, enquanto comunidades inclusivas e não julgadoras podem proporcionar um espaço de pertença, validação e apoio emocional (Winter & Olivia, 2024).

v. Reinterpretação da Figura Divina como Acolhedora e Protetora

A análise dos dados destacou uma narrativa transversal a todas as pessoas participantes: a rejeição categórica da noção de abandono ou condenação divina. Este posicionamento surge não obstante os potenciais conflitos com os discursos religiosos que frequentemente estigmatizam o trabalho sexual.

De acordo com Haggerty (2017), a reconfiguração da figura divina constitui uma estratégia adaptativa particularmente impactante, através da qual as pessoas conseguem preservar uma relação de proximidade com a espiritualidade.

Uma das participantes expressa esta convicção ao afirmar: “Deus está sempre ali deixando claro que existe alguém que me escuta, que eu não estou falando sozinha.” (Entrevista 3). Este testemunho traduz uma reinterpretação teológica em que Deus é conceptualizado como fonte de aceitação incondicional, em contraste com representações religiosas punitivas que o associam a um papel de carrasco ou juiz moral. De modo semelhante, outro participante refere: “[...] Não sinto que esteja a ser castigado por ter esse trabalho. [...] Deus está sempre comigo a amparar-me.” (Entrevista 7).

A maioria dos/as entrevistados/as descreve Deus como um ser fundamentalmente acolhedor e protetor, perceção que lhes fornece conforto emocional: “[...] Deus não vai vir-me punir, ele é bondoso [...] ele me acolhe.” (Entrevista 1); “Sou muito abençoada [...] sou muito grata a Deus porque ele me protege tanto sabe.” (Entrevista 2); “[...] Deus não vai me castigar por fazer isso, me ajuda muito acreditar nisso.” (Entrevista 3).

Os discursos analisados também sustentam uma perspetiva na qual Deus possui conhecimento pleno das circunstâncias íntimas e das motivações das pessoas que fazem

trabalho sexual e, como tal, abstém-se de as julgar. Os/as participantes indicaram de forma consistente a precariedade económica como motivo principal para a sua escolha de ocupação e acreditam que Deus compreende esta realidade em vez de a condenar: “Deus não julga a gente, ele sabe o nosso íntimo, as nossas necessidades.” (Entrevista 5); “[...] Deus não me castiga porque sabe que eu estou a fazer isto porque preciso, não é porque gosto.” (Entrevista 9). Estes excertos podem ainda ser interpretados à luz da técnica de neutralização proposta por Sykes e Matza (1957) da negação da responsabilidade, uma vez que as participantes atribuem a sua ação a circunstâncias externas – neste caso, a necessidade económica – transferindo assim o peso da escolha individual para fatores estruturais.

Por fim, emergiu ainda a metáfora de Deus como pai: “Deus é pai de todos nós.” (Entrevista 9). Nesta conceptualização, a divindade é percebida como uma figura paterna cujo amor é inabalável, mesmo perante o erro. Uma entrevistada sintetiza esta perceção ao afirmar: “[...] O amor de Deus por nós é um amor de pai então por mais que ele veja que seu filho está fazendo alguma coisa errada, ele não vai deixar de te amar por isso [...] vai estar ali de braços abertos para te receber [...].” (Entrevista 4).

vi. Reinterpretação Teológica

A análise também identificou outra estratégia de cariz semelhante que consiste na reinterpretação teológica, entendida como um processo de reconstrução da fé e de reformulação das crenças religiosas.

Este processo manifesta-se através de duas vertentes principais. Uma entrevistada descreve um reenquadramento dos princípios nucleares da sua fé: “Na minha religião, isso que eu estou fazendo é um pecado. [...] Porém, minha religião também é amor, acolhimento.” (Entrevista 4). Esta declaração exemplifica um processo de hierarquização de valores religiosos, onde o princípio do "amor e acolhimento" é eleito como a verdadeira essência da fé, sobrepondo-se e neutralizando a categorização de "pecado".

Outros testemunhos expressam uma identificação com figuras bíblicas, em particular Maria Madalena, que recebeu redenção e compaixão, mesmo no auge da sua vida marcada pelo pecado. Este caso emblemático demonstra como Deus repudia o pecado, mas ama o pecador, funcionando assim como um arquétipo de justificação (Yacoub, 2019): “[...] não posso me julgar, ninguém pode me julgar. [...] Naquela parte da Bíblia que fala sobre Maria Madalena, sobre ela ser prostituta, ela foi aceita.” (Entrevista 5); “Na altura de Deus, tínhamos a Madalena. Ela era prostituta e Deus não a criticou, pelo contrário, [...] Deus defendeu-a quando ela ia ser

apedrejada." (Entrevista 9). Estas afirmações denotam uma apropriação da narrativa sagrada para invalidar o julgamento alheio e interno.

vii. Ressignificação do Trabalho Sexual como Cuidado Emocional

Por fim, a última estratégia designada consiste na reinterpretação do trabalho sexual como um serviço de natureza emocional. Esta ressignificação atribui uma dimensão relacional à atividade, concedendo-lhe valor moral.

Uma participante articula esta perceção de utilidade social e do alívio da culpa que dela deriva: "Eu acho que às vezes até eles saem daqui menos carregados para lidar depois com a família. [...] isso dá-me um pouco mais de alívio que eu estou fazendo é um bem." (Entrevista 1). Outra entrevistada acrescenta: "Eu não digo que sou prostituta, eu digo que sou uma psicóloga para os homens. Porque muitos vêm aqui não é para sexo, é para falar, para desabafar, para ter atenção. [...] Uma acompanhante é uma segunda mulher, uma melhor amiga." (Entrevista 9). Este discurso enquadra o trabalho sexual em categorias socialmente valorizadas, como as de cuidado emocional, escuta ativa e apoio interpessoal.

viii. Persistência do Conflito e do Sofrimento

Em contraste com a maioria dos/as participantes, a análise realça duas narrativas, nas quais se verifica a presença de um conflito interno que permanece sem resolução. Estes discursos caracterizam-se por uma sensação de dano permanente, bem como de impotência perante o conflito: "Não lidas, sentes-te suja. Nunca ficas limpa por mais banhos que tomes. [...] as lágrimas escorrem-te pela cara abaixo [...]." (Entrevista 6); "Não tem como eu lidar, não tem o que eu possa fazer. Eu só fico pedindo perdão a Deus." (Entrevista 10). Nestes casos, as estratégias de neutralização da culpa mostram-se ineficazes, resultando num sofrimento emocional profundo.

III. O Papel da Espiritualidade no Enriquecimento da Experiência Profissional

O terceiro tema centra-se na análise de como as identidades religiosas ou espirituais são mobilizadas no contexto do trabalho sexual, destacando o modo como estas podem contribuir para o enriquecimento da experiência profissional.

i. A Espiritualidade como Estratégia de *Coping* Ocupacional e Recurso Protetor

Neste subtema, a espiritualidade emerge como uma estratégia de *coping* para lidar com os desafios inerentes à atividade profissional. Nessa função, opera como um recurso protetor,

sustentando o bem-estar psicológico e emocional dos/as trabalhadores/as do sexo. Esta descoberta converge com a literatura existente que aponta que a maioria destes/as profissionais recorre às suas crenças religiosas para obter conforto e suporte emocional (Johnston, 2022).

Uma das finalidades predominantes da espiritualidade consiste na regulação de estados emocionais negativos desencadeados por interações laborais stressantes: "Se acontecer uma situação chata no atendimento, a espiritualidade me ajuda a manter a calma. [...] O trabalho se torna mais leve também." (Entrevista 4). Através deste recurso, a profissional consegue manter o autocontrolo e restabelecer um estado de equilíbrio, prevenindo o desgaste emocional.

A espiritualidade constitui de igual modo uma fonte de paciência e motivação como descrito neste excerto: "Peço paciência [...] quando estou num atendimento com um cliente difícil. Quando não trabalho também busco a Deus para me motivar [...]." (Entrevista 5).

A dimensão mais prevalente nos discursos é a do recurso à espiritualidade como um escudo protetor contra perigos físicos e intenções maliciosas. Esta necessidade de proteção é sublinhada em várias afirmações: "Pode acontecer, por exemplo, eu ir para um sítio desconhecido e pedir que Deus esteja comigo e que não me aconteça nada." (Entrevista 7); "Peço para Deus [...] não deixar chegar clientes mal intencionados." (Entrevista 8); "Peço proteção, a gente precisa muito nesse trabalho." (Entrevista 10).

Finalmente, surgem também preocupações com a manutenção da integridade pessoal no contexto profissional. Uma participante partilhou: "Eu tenho muito medo de perder minha essência e conversar com Deus me ajuda. [...] Então eu peço a Deus para eu não perder essa essência que eu tenho." (Entrevista 10). Este testemunho evidencia que a espiritualidade, além de funcionar como recurso de *coping* e de proteção contra riscos emocionais e físicos, pode igualmente atuar como uma proteção identitária, preservando a autenticidade do *self* diante das exigências e pressões laborais.

ii. A Espiritualidade como Estrutura de Significado e Propósito no Trabalho

O segundo subtema centra-se na forma como a fé é utilizada para conferir sentido e significado ao trabalho sexual. Metade dos/as participantes descreve recorrer à espiritualidade no contexto laboral, tendo como principal objetivo o benefício dos/as clientes. Deste modo, expande a compreensão proposta por Matthews (2024), que retrata as crenças espirituais apenas como um método de *coping* para superar as adversidades associadas à atividade profissional.

As narrativas dos/as participantes indicam que a espiritualidade é instrumentalizada como uma ferramenta de cuidado, sobretudo em momentos de vulnerabilidade percebida nos/as clientes. Esta prática manifesta-se através da partilha de perspetivas espirituais com o intuito

de fornecer conforto e um método de resolução de problemas: “Já falei com cliente sobre Espiritismo para tentar ajudar eles porque eu estou vendo que eles estão com um problema e aí eu tento puxar para o lado de Deus.” (Entrevista 1); “Eu falo de Deus para quase todos os meus clientes. [...] Tem muita gente que precisa de ajuda e essa é minha forma de ajudar eles [...].” (Entrevista 10).

A espiritualidade surge também como meio de transformação simbólica da experiência do/a cliente: “Dentro da minha espiritualidade, [...] eu posso transformar a mentalidade dos clientes e eles saem daqui mais leves.” (Entrevista 2).

Noutra perspetiva, as crenças espirituais são apontadas como diretrizes que orientam o comportamento, incentivando uma postura ética na interação profissional: “A minha espiritualidade me faz tentar ser uma pessoa melhor não só para mim, mas para as pessoas que estão perto de mim, para os clientes.” (Entrevista 4).

Em suma, a espiritualidade parece enriquecer a interação com os/as clientes, acrescentando propósito à transação laboral. No entanto, importa problematizar potenciais riscos associados ao envolvimento espiritual, nomeadamente a possibilidade de sobrecarga emocional ou energética.

iii. Integração de Práticas Espirituais nas Práticas Profissionais

Por fim, a análise revela um caso singular de integração explícita de práticas espirituais como parte da identidade profissional. Neste caso, a atividade laboral é conceptualizada não apenas como a prestação de um serviço sexual, mas também como uma oportunidade de intervenção espiritual.

A participante descreve de forma clara como instrumentaliza a sua prática profissional como um veículo para a sua prática espiritual ao realizar passes durante as sessões de massagem erótica. Os passes consistem numa prática espiritual comum em doutrinas como o Espiritismo, que é entendida como uma transmissão de energias positivas com o objetivo de promover equilíbrio, bem-estar e alívio espiritual na outra pessoa. Nesse sentido, a entrevistada relata: “Já cheguei a atender clientes que ao fazer a massagem, eu senti que aquela pessoa precisava de um passe. E já fiz isso para tentar ajudar a pessoa. Estando em contacto com o corpo do cliente em silêncio, eu elevo meu pensamento a Jesus e desejo coisas boas para a pessoa.” (Entrevista 5).

Esta perspetiva desestabiliza dicotomias tradicionais, como sagrado/profano e moral/imoral, propondo uma visão integrada onde o trabalho sexual e a espiritualidade não só podem coexistir, como se potenciam mutuamente.

Importa salientar que, no estudo realizado por Matthews (2024), os/as participantes também descrevem a integração de práticas espirituais na sua identidade ocupacional. Porém, observa-se uma diferença significativa relativamente aos dados desta investigação. Enquanto no estudo referido a conexão espiritual era utilizada como fonte adicional de receita, no presente trabalho a participante que relata esta integração fá-lo com a finalidade de apoiar o/a cliente. Esta distinção é particularmente relevante, pois define duas formas distintas de articular a espiritualidade e a prática profissional: uma orientada para a dimensão económica, e outra centrada numa lógica de cuidado.

IV. Perceções e Experiências de Estigma

Embora a experiência de estigma não esteja explicitamente delineada como um dos objetivos centrais da presente investigação, a análise evidenciou-a como um eixo temático transversal. Nesse sentido, este último tema detalha as diferentes facetas através das quais o estigma se manifesta e é vivenciado pelos/as participantes.

i. Mecanismos de Estigmatização Social

A experiência de estigma social expressa-se predominantemente através de processos como a rotulagem, a estereotipagem e a desumanização, destinados a descredibilizar e marginalizar os indivíduos.

Segundo Goffman (1990), a rotulagem consiste na atribuição a uma pessoa de uma identidade social negativa e redutora que ignora a sua individualidade. O discurso de uma participante ilustra o processo de generalização pejorativa: “Eles acham que quem faz isso [...] é uma pessoa inútil, fútil, que só pensa em dinheiro.” (Entrevista 3). De modo semelhante, outra entrevistada complementa: “As pessoas nunca nos aceitaram. [...] Dizem que temos o diabo dentro de nós, [...] que somos umas porcas.” (Entrevista 9). Estes excertos evidenciam uma associação das pessoas que exercem trabalho sexual a características depreciativas e moralmente condenatórias, o que reforça a sua exclusão social.

A dimensão da desumanização também foi salientada: “Os próprios clientes chegam aqui para fazer isso e julgam [...] pensam que nós não somos pessoas como as outras, mas a gente é [...].” (Entrevista 5). Este testemunho é significativo, pois destaca que apesar dos/as clientes recorrerem aos seus serviços, também adotam atitudes estigmatizantes.

Adicionalmente, para algumas participantes, o estigma estende-se à esfera espiritual: “Onde é que uma puta tem direito a dizer que é católica? Eu sou, mas para a sociedade não.” (Entrevista 6); “As pessoas acham que eu sou menos católica porque estou nesta vida, mas eu

não acho." (Entrevista 9). Estas afirmações revelam uma negação da sua identidade religiosa por parte da sociedade, que questiona a legitimidade da sua fé. Nestes casos, o estigma pode inclusive resultar em ostracização por parte das comunidades religiosas.

ii. Estigma Religioso Institucional

Outro aspeto relevante identificado refere-se à experiência de estigmatização proveniente de instituições religiosas. As narrativas da maior parte das pessoas inquiridas descrevem estas instituições como fontes de desaprovação moral e de violência simbólica, que impõem uma dualidade forçada entre a identidade religiosa e a identidade ocupacional.

Esta perceção de incompatibilidade é explicitamente descrita por algumas participantes. Uma entrevistada recorda: "Já vivi esse preconceito dentro da Igreja Evangélica [...]." (Entrevista 1). Outras corroboram esta visão, destacando o papel da Igreja Católica na imposição deste conflito identitário: "Claro que a Igreja Católica vai pensar isso, você não pode ter religião e ter esse trabalho [...]." (Entrevista 2); "Se as pessoas da igreja soubessem até se riam na minha cara, condenam-te sem perceber. Deus aceita-me. As pessoas não." (Entrevista 6). Esta última afirmação é particularmente impactante, pois mostra a distinção que as participantes fazem entre a aceitação divina (incondicional, na sua perceção) e o julgamento humano (condicional e estigmatizante).

Contudo, duas participantes relatam vivências de aceitação no contexto do Espiritismo. Os seus testemunhos apresentam esta doutrina como um espaço de não-julgamento, que oferece recursos simbólicos para ressignificar o trabalho sexual. Esta exceção é relevante para compreender a variabilidade do fenómeno: "O pessoal todo do Espiritismo que eu conheci sabia o que eu fazia e nunca me julgou." (Entrevista 1); "Se eu for no Centro Espírita amanhã numa palestra e falar que eu faço isso, não acho que vou ser julgada por isso. [...] Acho que me sentiria apoiada e acolhida." (Entrevista 5). Importa destacar que a literatura também enfatiza que as experiências destes/as trabalhadores/as em contextos religiosos não são monolíticas. Embora a maioria das religiões condene o trabalho sexual por considerá-lo antiético e pecaminoso, algumas comunidades religiosas defendem ativamente a empatia, a compreensão e o apoio a estes/as profissionais (Winter & Olivia, 2024).

iii. Internalização do Estigma

Finalmente, a análise temática permitiu identificar um processo profundo de internalização do estigma, no qual um conjunto de participantes reporta um sentimento persistente de vergonha e indignidade pessoal: "Comecei a me julgar muito e a sentir vergonha

de ter esse trabalho" (Entrevista 5); "Nós depois achamos que não somos puras [...] há agora ali uma mancha. Já não sou assim a 100%, não sou aquela mulher que havia de ter sido." (Entrevista 6); " [...] Esse trabalho que eu estou fazendo não é digno." (Entrevista 10).

Importa sublinhar que embora a representação de Deus enquanto entidade compreensiva e cuidadora seja uma narrativa predominante, observa-se uma dissonância entre a crença cognitiva no perdão e a sua internalização emocional. Esta dinâmica é articulada por uma participante que refere: "Deus aceita-me. [...] Procuras o perdão de Deus, mas és tu que tens de te perdoar." (Entrevista 6). Este excerto ilustra claramente a cisão entre o plano divino (onde o perdão está disponível) e o plano pessoal (onde é barrado pela autorrecriminação).

Paralelamente, emergiu nos discursos uma forte consciência de transgressão moral, que causa sofrimento psicológico. As participantes descrevem um estado de mal estar caracterizado por sentimentos de culpa intensa e uma autoperceção enraizada de serem "pecadoras": "Quando comecei esse trabalho eu achava que eu não merecia o perdão, o amor, eu não merecia nada." (Entrevista 4); "Mesmo que Deus me acolha e acho que sim, [...] eu me sinto uma pecadora." (Entrevista 8); "Eu sei que eu estou pecando [...]. Eu sei que Deus perdoa meus erros e me aceita, mas [...] eu não acho que eu estou fazendo bem e me culpo muito." (Entrevista 10). Nestes casos, torna-se evidente que a pessoa é a principal agente da sua própria condenação.

Conclui-se que a raiz do estigma que algumas das pessoas entrevistadas descrevem internalizado reside na assimilação dos valores religiosos tradicionais que categorizam o trabalho sexual como pecaminoso. Portanto, ocorre uma dissonância entre o "saber" que se é perdoada e o "sentir" que se é pecadora.

Conclusões

Nesta dissertação, analisaram-se as identidades multifacetadas e as experiências quotidianas de 10 pessoas que exercem ou exerceram trabalho sexual, em Portugal, e que se autoidentificam como religiosas e/ou espirituais. O estudo explora a intersecção entre a religião e o trabalho sexual, num contexto em que esta atividade é amplamente estigmatizada com base em juízos morais.

O conceito de harmonia, proposto por Matthews (2024), oferece um enquadramento teórico útil para compreender de que modo os/as trabalhadores/as do sexo articulam identidades complexas e potencialmente dissonantes. Através de um processo consciente de negociação identitária, estes/as profissionais gerem conflitos internos, que resultam das normas sociais, das expectativas religiosas e do estigma internalizado. Os/as participantes desta investigação evidenciam diferentes graus de harmonia, alcançados quer pela integração das suas crenças espirituais na prática profissional – reforçando uma perceção de continuidade identitária e de inseparabilidade do *self* – quer pela compartimentalização destas dimensões, como forma de minimizar o estado de tensão experienciado.

A maior parte das pessoas participantes adaptou a sua religiosidade em função da identidade ocupacional, em vez de ajustar o trabalho às suas crenças espirituais. Esta constatação demonstra a natureza assimétrica da relação entre o trabalho sexual e a espiritualidade, na medida em que se observa uma negociação significativamente maior da esfera religiosa em comparação com a atividade laboral. Contudo, isto não significa que a religião tenha menos relevância para os/as trabalhadores/as do sexo. Pelo contrário, os/as participantes continuam a procurar aceitação e realização espiritual, mobilizando e reinterpretando crenças e práticas religiosas para conciliar a fé com a sua profissão.

Destaca-se uma estratégia central, presente no discurso de todas as pessoas entrevistadas, que consiste na reinterpretação de Deus como uma figura acolhedora e protetora, que lhes concede aceitação incondicional, compreensão e apoio. Os/as participantes rejeitam assim a noção de abandono ou condenação divina, o que lhes permite preservar uma relação de proximidade com a espiritualidade de forma a encontrarem paz e propósito nas suas vidas quotidianas (Haggerty, 2017).

Para além disso, dado que as instituições religiosas formais condenam frequentemente o trabalho sexual (Winter & Olivia, 2024), a maioria dos/as participantes afastou-se de práticas coletivas organizadas, restringindo a sua vivência espiritual sobretudo à oração em espaços privados. Neste sentido, o presente estudo corrobora as conclusões de Johnston (2022), ao

evidenciar que os/as profissionais do sexo tendem a antecipar experiências de julgamento em contextos religiosos comunitários, transitando, por isso, para uma espiritualidade mais individualizada, centrada numa relação direta e pessoal com Deus. Todavia, importa destacar que, nesta investigação, o testemunho de uma participante contraria esta tendência, ao relatar que encontra refúgio e acolhimento na sua comunidade espiritual, a qual lhe proporciona validação e conforto emocional. Deste modo, no que respeita à relação das pessoas que fazem trabalho sexual com as comunidades religiosas, esta configura-se como um continuum entre distanciamento e integração, autonomia e pertença.

Em suma, a harmonia identitária é alcançada predominantemente através da adoção de interpretações e práticas religiosas específicas, mais recetivas à coexistência das suas identidades multifacetadas. Apesar deste quadro geral, observaram-se experiências de dissonância, sobretudo em duas participantes, cujos testemunhos evidenciam a persistência de um conflito interno associado a um sofrimento emocional profundo. Apesar das pressões externas e internas, a maioria das pessoas entrevistadas opta por continuar a exercer trabalho sexual, à exceção de uma que abandonou a atividade.

Esta investigação sustenta que a religiosidade e o trabalho sexual não só podem coexistir de forma harmoniosa, como a dimensão espiritual pode potenciar a experiência profissional dos/as trabalhadores/as do sexo. Evidência disto é o relato de participantes que recorrem à espiritualidade durante as interações laborais, utilizando-a como uma estratégia de *coping* para lidar com os desafios da sua ocupação. Esta prática auxilia-os/as a manter a calma, a paciência e a motivação, além de lhes conferir uma perceção de proteção contra riscos físicos e emocionais. Adicionalmente, a espiritualidade é mobilizada como instrumento de cuidado, orientando o tipo de apoio oferecido aos/às clientes de forma a beneficiá-los/as, enriquecendo a sua interação e conferindo significado e propósito à transação laboral.

No entanto, os resultados deste estudo também confirmam os efeitos da estigmatização a que estes/as profissionais estão sujeitos/as, com a maioria deles/as a reportar impactos negativos no seu bem-estar. O estigma manifesta-se não apenas na sociedade em geral, mas também no seio de instituições religiosas, conduzindo muitos/as participantes a internalizá-lo e a experienciar sentimentos de culpa, vergonha, marginalização e exclusão social. Tal evidencia a necessidade de uma maior aceitação das pessoas trabalhadoras do sexo no seio de comunidades religiosas, que continuam a impor desafios à sua plena integração e afirmação identitária (Ruwizhi et al., 2025).

Conclui-se, assim, que o processo de gestão identitária das pessoas trabalhadoras do sexo revela-se complexo, exigindo um trabalho contínuo de reflexão, negociação e adaptação, de forma a reduzir possíveis dilemas e a preservar o equilíbrio entre as diferentes dimensões do *self*. Esta constatação sublinha a agência dos/as participantes, desafiando perceções tradicionais vitimizantes. Perante estruturas sociais e doutrinas religiosas que procuram regularmente restringir a sua autonomia, os/as profissionais do sexo demonstram resiliência ao construir narrativas pessoais, que lhes permitem conciliar a sua fé e a sua ocupação.

Limitações, Potencialidades e Recomendações

Esta investigação apresenta algumas limitações que importa reconhecer de forma crítica. Do ponto de vista metodológico, o número de participantes (10) pode ser considerado restrito. Apesar do esforço em incluir o maior número de vozes possível, os/as trabalhadores/as do sexo constituem um grupo de difícil acesso, frequentemente classificado como população oculta. Como resultado, o presente estudo deve ser entendido como um recorte de uma realidade vasta e complexa. Neste sentido, futuras investigações beneficiariam de uma amostra mais alargada, uma vez que um maior número de narrativas possibilitaria análises mais densas, diversificadas e coesas.

Adicionalmente, o recurso ao método bola de neve na constituição da amostra (Patton, 2002) não assegurou a sua heterogeneidade. Este estudo contou com o contributo de 10 pessoas que se autodeclararam como brancas, nove das quais se identificaram como mulheres cisgénero e uma como homem cisgénero. O facto de esta investigação não incluir uma diversidade significativa em termos de género não resultou de uma decisão intencional, mas antes do processo de recrutamento. Posto isto, recomenda-se que estudos futuros adotem uma abordagem interseccional, dando voz a profissionais do sexo religiosos/as e espirituais com diferentes nacionalidades, etnias e identidades de género, de forma a ampliar o conhecimento sobre esta temática.

Não obstante as limitações previamente referidas, esta investigação apresenta potencial de enriquecer o debate académico, trazendo novos dados sobre um tema ainda não abordado em Portugal. Considera-se que o presente estudo favorece uma compreensão mais abrangente sobre as vivências das pessoas que exercem trabalho sexual, questionando leituras reducionistas que tendem a desconsiderar a complexidade das suas identidades. Além disso, valoriza a voz e a agência dos/as participantes, promovendo uma narrativa construída a partir das suas próprias experiências, o que reforça o caráter ético e crítico do trabalho.

O impacto potencial desta investigação não se limita ao campo académico. Ao dar visibilidade às perspetivas de pessoas religiosas e espirituais que fazem trabalho sexual, o estudo pode facilitar a mudança das suas representações sociais, contribuindo para desconstruir estereótipos e reduzir o estigma a que estão sujeitas. Espera-se, ainda, que os resultados possam ser mobilizados em iniciativas que promovam o bem-estar e os direitos desta população, bem como na educação pública e na sensibilização das comunidades religiosas. Ao longo da dissertação, foram destacados diversos desafios vividos por esta população que decorrem do estigma social e religioso. Como tal, idealmente, este estudo poderá sustentar a criação de ambientes mais seguros e inclusivos por parte de grupos religiosos, permitindo que estes/as profissionais se sintam reconhecidos/as, integrados/as e apoiados/as.

Referências Bibliográficas

Abel, G. M. (2011). Different stage, different performance: The protective strategy of role play on emotional health in sex work. *Social Science & Medicine*, *72*(7), 1177–1184. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2011.01.021

Adamczyk, A., & Hayes, B. E. (2012). Religion and sexual behaviors. *American Sociological Review*, *77*(5), 723–746. https://doi.org/10.1177/0003122412458672

Armstrong, L. (2018). Stigma, decriminalisation, and violence against street-based sex workers: Changing the narrative. *Sexualities,* *22*(7-8), 1288–1308. https://doi.org/10.1177/1363460718780216

Austin, P., Macdonald, J., & MacLeod, R. (2018). Measuring spirituality and religiosity in clinical settings: A scoping review of available instruments. *Religions*, *9*(3), 70. https://doi.org/10.3390/rel9030070

Barton, B., & Hardesty, C. L. (2010). Spirituality and stripping: Exotic dancers narrate the body ekstasis. *Symbolic Interaction*, *33*(2), 280–296. https://doi.org/10.1525/si.2010.33.2.280

Basu, A., & Dutta, M. (2011). "We are mothers first": Localocentric articulation of sex worker identity as a key in HIV/AIDS communication. *Women & Health*, *51*(2), 106–123. https://doi.org/10.1080/03630242.2010.550992

Baumsteiger, R., & Chenneville, T. (2015). Challenges to the conceptualization and measurement of religiosity and spirituality in mental health research. *Journal of Religion and Health, 54*(6), 2344–2354.https://doi.org/10.1007/s10943-015-0008-7

Beekers, D., & Schrijvers, L. L. (2020). Religion, sexual ethics, and the politics of belonging: Young Muslims and Christians in the Netherlands. *Social Compass, 67*(1), 137–156. https://doi.org/10.1177/0037768620901664

Bellhouse, C., Crebbin, S., Fairley, C. K., & Bilardi, J. E. (2015). The impact of sex work on women's personal romantic relationships and the mental separation of their work and personal lives: A mixed-methods study. *PLoS ONE, 10*(10), e0141575. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0141575

Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. SAGE Publications.

Cao, L., & Maguire, E. R. (2013). A test of the temperance hypothesis. *Social Problems, 60*(2), 188–205. https://doi.org/10.1525/sp.2013.60.2.188

Dinnie, E., & Browne, K. (2011). Creating a sexual self in heteronormative space: Integrations and imperatives amongst spiritual seekers at the Findhorn Community. *Sociological Research Online, 16*(1), 79–88. https://doi.org/10.5153/sro.2287

Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books.

Goffman, E. (1990). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Penguin Books.

Haggerty, A. (2017). *Sacred shame: Integrating spirituality and sexuality* [Master's thesis, St. Catherine University]. SOPHIA. https://sophia.stkate.edu/msw_papers/776

Johnston, L. (2022). *Religion and sex work: Sex workers perspectives on religion, identity, family and health in New Zealand and Australia* [Master's thesis, University of Otago]. OUR Archive. https://hdl.handle.net/10523/13618

Koken, J. A. (2011). Independent female escort's strategies for coping with sex work related stigma. *Sexuality & Culture, 16*(3), 209–229. https://doi.org/10.1007/s12119-011-9120-3

Matthews, D. (2024). *An exploration of how sex workers who identify as religious or spiritual manage their identities within their everyday lives* [Doctoral dissertation, Nottingham Trent University]. NTU Repository. https://irep.ntu.ac.uk/id/eprint/51091/

Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões: Estudo sobre prostituição, alterne e strip tease*. Editorial Notícias.

Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. SAGE Publications.

Peach, L. J. (2005). "Sex slaves" or "sex workers"? Cross-cultural and comparative religious perspectives on sexuality, subjectivity, and moral identity in anti-sex trafficking discourse. *Culture and Religion, 6*(1), 107–134. https://doi.org/10.1080/01438300500071315

Rijal, S., & El-Rumi, U. (2019). Sex workers' religiosity and faith in God: Case study on "Ayam Kampus" in East Java, Indonesia. *KALAM, 12*(2), 257–282. https://doi.org/10.24042/klm.v12i2.2938

Ruwizhi, T., Chiweshe, M. K., & Muparamoto, N. (2025). "NaMwari wangu tozivana": Religiosity of sex workers in selected parts of Harare, Zimbabwe. *Journal of Religion & Society, 27,* 35. https://doi.org/10.64667/MAVB7000

Sorajjakool, S., & Benitez, A. (2015). The role of religion among sex workers in Thailand. *Religions, 6*(4), 1263–1276. https://doi.org/10.3390/rel6041263

Sykes, G. M., & Matza, D. (1957). Techniques of neutralization: A theory of delinquency. *American Sociological Review*, 22(6), 664–670. https://doi.org/10.2307/2089195

Tuin, S. S. V. (2021). *Let's talk about sex guilt: The impact of religion on sexual guilt, relationship satisfaction, sexual satisfaction, and sexual attitudes and behaviors in Christian women* [Master's thesis, Purdue University Graduate School]. Purdue University Graduate School. https://doi.org/10.25394/PGS.14547375.v1

Winter, M. L., & Olivia, G. S. (2024). Reviewing the perspectives on the relationship between religious beliefs and sex work: A qualitative systematic review. *Sexes, 5*(3), 171–186. https://doi.org/10.3390/sexes5030013

Worthington, R. L. (2004). Sexual identity, sexual orientation, religious identity, and change: Is it possible to depolarize the politics of homosexuality? *The Counseling Psychologist, 32*(5), 741–749. https://doi.org/10.1177/0011000004267566

Yacoub, A. R. (2019). Consensual sex work: An overview of sex-workers' human dignity in law, philosophy, and Abrahamic religions. *Women's Studies International Forum, 76,* 102274. https://doi.org/10.1016/j.wsif.2019.102274

Anexos

Anexo 1 – Ficha de Informação para Participantes e Formulário de Consentimento

Gostaria de começar por agradecer o seu interesse neste projeto. Para o/a ajudar a tomar uma decisão informada sobre a sua participação neste estudo, vou ler-lhe algumas informações. No fim, terá oportunidade de colocar quaisquer questões que possa ter antes de tomar a sua decisão.

Quem é que eu sou?

O meu nome é Marta Pedrosa e sou estudante de Psicologia na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Estou a realizar uma investigação no âmbito da minha dissertação de mestrado, sob orientação da Prof. Doutora Alexandra Oliveira, que pretende compreender como é que as pessoas que fazem trabalho sexual gerem as suas identidades religiosas/espirituais e ocupacionais.

Qual é o propósito deste estudo?

O objetivo principal deste estudo é explorar a relação entre a religião, a espiritualidade e o trabalho sexual.

Quem é que pode participar?

São convidadas a participar neste estudo pessoas com idade superior a 18 anos, que residam atualmente em Portugal, trabalhem ou tenham trabalhado como trabalhadoras do sexo e tenham ou tenham tido crenças religiosas/espirituais em algum momento durante o exercício do trabalho sexual.

O que será pedido aos/às participantes?

Caso decida participar neste estudo, ao longo desta entrevista iremos discutir as suas experiências em torno da religião, da espiritualidade e do trabalho sexual. A entrevista consistirá em 33 perguntas de resposta aberta e terá uma duração aproximada de 1 hora.

A sua participação é totalmente voluntária e pode recusar-se a responder a qualquer questão, por exemplo, se sentir desconforto. Também pode retirar o seu consentimento e cessar a sua participação a qualquer momento da entrevista, sem que tal implique qualquer

penalização. Após a realização da entrevista, dispõe de um prazo de três meses para pedir a exclusão da sua entrevista do estudo, caso opte por desistir da sua participação.

Caso opte por participar, também lhe vou pedir autorização para efetuar uma gravação de áudio durante a entrevista para que eu não precise de estar a tomar notas enquanto converso consigo e ter a certeza de que não me vou esquecer de nada do que me disse.

Quais são os riscos e os benefícios da participação neste estudo?

Como vamos discutir opiniões e sentimentos sobre temas que podem ser considerados sensíveis por algumas pessoas, pode existir o risco de experienciar algum desconforto emocional ao responder a determinadas questões.

Não será concedida qualquer compensação monetária pela sua participação neste estudo. Embora não existam benefícios diretos desta investigação, terá oportunidade de partilhar a sua história, contribuindo assim para o aumento do conhecimento científico sobre as pessoas que fazem trabalho sexual e as suas vivências quotidianas, o que pode ajudar a diminuir os preconceitos que existem.

Será mantida a confidencialidade das informações dos/as participantes?

Todas as informações recolhidas durante esta investigação serão tratadas de forma anónima. O seu nome ou qualquer informação que o/a possa identificar não serão divulgados. Serão utilizados pseudónimos ou nomes fictícios para proteger a sua identidade e assegurar o anonimato. No entanto, algumas características da sua identidade poderão ser mencionadas para contextualizar as suas experiências (por exemplo, o tipo de trabalho sexual que realiza, a sua religião/espiritualidade). Os registos e as transcrições de áudio serão armazenados num local seguro, sendo o acesso restrito apenas às investigadoras responsáveis. Após a conclusão do estudo, todos esses dados serão destruídos.

Quem posso contactar se tiver questões sobre o estudo?

Caso tenha dúvidas, comentários ou preocupações em relação a este projeto de investigação, ou caso deseje tomar conhecimento dos resultados deste estudo, pode entrar em contacto com a investigadora principal, a saber: Marta Pedrosa, up201905299@edu.fpce.up.pt

Declaração de Consentimento Oral

Confirma que ouviu e compreendeu integralmente as informações que lhe foram lidas? Confirma que recebeu uma explicação detalhada sobre o estudo? Tem alguma dúvida ou questão que queira colocar? Confirma que todas as suas questões foram esclarecidas de forma satisfatória? Dá o seu consentimento em participar neste estudo? Posso, então, efetuar uma gravação em áudio da nossa conversa?

Anexo 2 – Guião de Entrevista

Religiosidade/Espiritualidade

1) Foi educado/a de acordo com alguma tradição religiosa/espiritual? Em caso afirmativo, qual?

2) Como descreveria as suas crenças religiosas/espirituais atuais?

3) De que forma expressa a sua religião/espiritualidade? (Por exemplo, através da participação em cerimónias religiosas, oração, leitura de escrituras, meditação, práticas energéticas)

4) Considera-se membro de uma comunidade religiosa/espiritual? Em caso afirmativo, qual a importância dessa integração? Em caso negativo, teria interesse em pertencer a uma dessas comunidades?

5) Em que medida considera que a dimensão religiosa/espiritual é relevante na sua vida quotidiana? Poderia exemplificar?

Trabalho Sexual

6) Qual é a sua ocupação atual?

7) Em que tipo(s) de trabalho sexual está envolvido/a e quais as razões para a sua escolha?

8) Há quanto tempo exerce esta ocupação?

9) Quais foram os fatores que influenciaram a sua decisão de entrar na indústria do trabalho sexual?

10) Como é que vivencia a sua ocupação? (De forma positiva, negativa, ambivalente, neutra) Quais os aspetos que mais gosta e os que menos gosta?

Relação entre Religiosidade/Espiritualidade e Trabalho Sexual

11) A sua religião/espiritualidade influencia a forma como vê o trabalho sexual? De que forma?

12) Ao longo da sua trajetória no trabalho sexual, a sua relação com a religião/espiritualidade alterou-se? Em caso afirmativo, de que forma?

13) Considera que a sua religião/espiritualidade contribui para o seu desenvolvimento e pessoal e ocupacional?

Conflito/Harmonia entre Religiosidade/Espiritualidade e Trabalho Sexual

14) Considera que existe uma divisão entre a sua vida religiosa/espiritual e a sua atividade? Ou ambas estão interligadas?

15) As suas crenças religiosas/espirituais e a sua atividade entram em conflito de alguma forma? Em caso afirmativo, pode descrever uma situação específica onde sentiu que as duas identidades entraram em conflito?

16) Que estratégias utiliza para lidar com esses conflitos?

17) Estabelece limites entre os seus valores religiosos/espirituais e as suas exigências ocupacionais? Em caso afirmativo, com que objetivos?

18) Qual é que considera ser a visão que a sociedade tem sobre a compatibilidade entre a sua ocupação e a religião/espiritualidade?

19) Alguma vez experienciou julgamento por parte de uma comunidade religiosa/espiritual? Alguma vez se sentiu apoiado/a ou acolhido/a por uma comunidade religiosa/espiritual? Em caso afirmativo, como é que isso influencia a forma como se vê a si próprio/a?

Papel da Religiosidade/Espiritualidade no Enriquecimento do Trabalho Sexual

20) A sua religião/espiritualidade tem alguma influência na forma como vivencia a sua atividade tornando-a mais satisfatória? E mais significativa? Em caso afirmativo, pode dar um exemplo?

21) Recorre às suas crenças religiosas/espirituais para lidar com situações difíceis do seu trabalho? (Por exemplo, para obter encorajamento, apoio ou orientação numa situação desconfortável com um/uma cliente)

22) Já disponibilizou, ou pondera disponibilizar, práticas espirituais no contexto da sua ocupação? Em caso afirmativo, quais?

23) O que o/a motiva a fazê-lo? Essa motivação é pessoal ou decorre do interesse dos/as clientes?

24) Que desafios morais enfrenta ao disponibilizar práticas espirituais como serviço no contexto do trabalho sexual?

25) Existe alguma prática que considere demasiado sagrada para disponibilizar como serviço? Como define os limites entre o sagrado e o comercializável?

26) Acha que a espiritualidade no contexto do trabalho sexual pode proporcionar uma melhor experiência para o/a cliente? Em que sentido?

27) Há algo mais que gostaria de partilhar e que eu não tenha perguntado?

Questões Sociodemográficas

28) Qual é a sua idade?

29) Qual é a sua nacionalidade?

30) Qual é a sua escolaridade?

31) Com que grupo(s) racial/étnico se identifica?

32) Com que género se identifica?

33) Qual a sua orientação sexual?

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**